



DOSSIÊ PESQUISA EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E PERSPECTIVAS DE PESQUISAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Saberes, cuidados e educação na primeira infância: estudo etnográfico em comunidades tradicionais da Amazônia

Knowledge, care and education in early childhood: ethnographic study in traditional communities in Amazonia

Angela do Céu Ubaiara Brito¹

orcid.org/0000-0002-4335-8163
angela.brito@ueap.edu.br

Ramon de Oliveira Santana¹

orcid.org/0000-0002-2547-139X
ramon.santana@ueap.edu.br

Recebido em: 20. nov.2023.

Aprovado em: 16. jun.2024.

Publicado em: 01. out.2024.

Resumo: O trabalho investigativo buscou compreender como as famílias ribeirinhas desenvolvem o processo educacional na infância, com o uso dos saberes tradicionais, por meio da oralidade. O objetivo foi cartografar os saberes nas ações de cuidados na infância junto à família e à comunidade, no sentido de compreender os saberes envolvidos na função dos pais e parentes próximos. A metodologia ancorou-se na abordagem qualitativa com o uso da pesquisa etnográfica, durante dois anos (2021 e 2022), nas regiões ribeirinhas da Amazônia, território das comunidades das águas localizado no estado do Amapá e ilhas do Pará. Os dados foram discutidos por meio da análise de conteúdo. Os resultados indicam que os saberes tradicionais estão embricados em todo processo de cuidado com as crianças, principalmente em relação às crianças bem pequenas. Os saberes tradicionais revelam ação de formação humana, por meio de uma educação não formal que possibilita a construção de valores éticos e morais na convivência com os mais antigos nas comunidades ribeirinhas.

Palavras-chave: educação; cuidado; infância; saberes; comunidade.

Abstract: The investigative work sought to understand how riverside families develop the educational process in childhood, using traditional knowledge, through orality. The objective was to map the knowledge in the actions of childhood care actions within the family and community, in order to understand the knowledge involved in the role of parents and close relatives. The methodology is anchored in the qualitative approach with the use of ethnographic research, for over two years (2021 and 2022), in the riverside regions of the Amazon, territory of water communities located in the State of Amapá and islands of Pará. The data was discussed by through content analysis. The results indicate that traditional knowledge is embedded in the entire process of caring for children, especially in relation to very young children. Traditional knowledge reveals an action of human formation, through non-formal education that enables the construction of ethical and moral values in coexistence with older people in riverside communities.

Keywords: Education; Care; Childhood; Knowledge; Community.

Introdução: primeira infância e territorialidade na Amazônia

Neste artigo, discute-se de forma etnográfica o cuidado da primeira infância na região da Amazônia amapaense, no território das comunidades das águas. Identifica-se que nessa fase a criança amazônica está mais próxima dos pais e parentes que fazem parte de seu convívio familiar e da comunidade. Existe uma formação próxima, no cotidiano das crianças de 0 a 6 anos, com os adultos com mais idade nas comunidades que



¹ Universidade do Estado do Amapá (UEAP), Macapá, Amapá, Brasil.

implica diretamente o seu desenvolvimento.

Destaca-se que essa relação começa no ventre da genitora, à qual se atribui o nome social de mãe, o que não impede uma relação que transcenda esse limite, pois o pai e parentes mais próximos acompanham a trajetória até o nascimento. Geralmente, nas comunidades amazônicas, as crianças possuem uma relação de afeto com a família: a mãe e o pai estão juntos, bem como os avós, tios, padrinhos e os que convivem na comunidade, pois as crianças têm um vínculo de pertencimento ao *locus* em que crescem.

Pinto e Sarmiento (1997, p. 3) conferem que a relação maternal é o vínculo mais duradouro, pois "a formação pré-natal e a vida no útero materno têm cada vez mais intensamente evidenciado a existência de reacções do nascituro aos estímulos externos (e, particularmente, à voz materna)", no sentido de "que configuram uma situação de existência humana, que, apesar de incompletamente formada, não deixa de colocar a questão dos direitos que lhe são inerentes". Logo após essa fase, existe a amamentação, que estreita ainda mais a relação entre a criança a sua genitora.

Segundo Woodward, Greiner e Lawrence (2005), o ato de amamentar possibilita benefícios que perduram impacto no longo prazo, observados na inter-relação da criança e a sua mãe/família, pois se constrói uma ambientação de bem-estar comportamental e socioemocional. Os autores Costa e Locatelli (2008) citam que essa relação de amamentar a criança está no âmbito de cuidado e, ao mesmo tempo, de proteção. Dessa forma, o vínculo com a mãe está na relação de sobrevivência e também na de proteção para a criança, envolvendo um estado de sensibilidade, que Winnicott (2000) define, em sua teoria, como preocupação materna primária.

Entretanto, essa relação não é exclusiva da mãe, pois, de acordo com Winnicott (2000), outras pessoas, principalmente o pai, têm grandes possibilidades de estabelecer vínculos com a criança, desde que se envolvam com o bebê a ponto de se identificarem com as suas necessidades, transmitindo segurança e proteção. No caso das crianças amazônicas, registra-se que

a relação afetiva que se inicia no ventre é cercada por outros autores, pois a barriga de uma grávida é cuidada pela comunidade em diversos processos, como demonstram os resultados de estudos etnográficos.

Assim, a pesquisa buscou compreender como as famílias ribeirinhas desenvolvem o processo educacional na primeira infância, com o uso dos saberes tradicionais, para o cuidado das crianças. Teve como objetivo cartografar o processo educacional nas ações de cuidados na primeira infância junto à família e à comunidade, no sentido de compreender os saberes envolvidos na função dos pais e parentes próximos. A metodologia usou uma abordagem qualitativa com uso da etnografia, no sentido de cartografar o processo educacional. A etnografia nas comunidades das águas possibilitou entender os processos específicos para as crianças que convivem em lugares tão específicos da Amazônia, que são as localidades de várzeas.

Dessa forma, a pesquisa busca uma melhor compreensão sobre os saberes tradicionais; Cunha (2007) argumenta que esses saberes possuem em seu *corpus* elementos que caracterizam, ao citar seu aspecto local, a presença de narrativas que podem apresentar divergências e semelhanças, bem como um contexto da vida dos povos que os produzem. Suas formas de partilha e de produção são pautadas, respectivamente, na oralidade e em especificações locais e operam através de unidades perceptuais. Os saberes de povos e comunidades tradicionais são forjados e sustentados por unidades perceptuais, as quais são estruturadas por qualidades sensíveis, por exemplo: cheiros, cores, saberes etc.

Percurso etnográfico nas comunidades das águas

A pesquisa realizou-se nas comunidades das águas, pois essas localidades específicas têm suas moradias nas várzeas, sobre o rio, com acesso por pontes que constituem as ruas de acesso às casas e a outros estabelecimentos nas comunidades. Assim, usamos a metodologia qualitativa com uso etnográfico para compre-

ender os processos de saberes tradicionais nos cuidados da primeira infância.

Entender a primeira infância ribeirinha é um processo longo de buscas por pistas que possam desvendar como educar e cuidar junto aos saberes tradicionais se entrelaçam na formação das crianças, visto que necessitam de atenção desde o ventre e por toda a vida. A pesquisa qualitativa, por meio da etnografia, registrou as narrativas das pessoas ribeirinhas que convivem nas comunidades. Nesse processo, o início da pesquisa, em 2021, foi de diagnóstico e observações que nos levaram a compreender que os ribeirinhos criam as crianças ainda em sistema de coletividade nas comunidades e as crianças partilham uma formação entre si e na vivência com os mais experientes. As comunidades *etnografadas* são formadas por núcleos de famílias, que têm em média entre 40 e 70 famílias.

Assim, a pesquisa ancorou-se na abordagem qualitativa, por entender a necessidade de escuta dos próprios protagonistas (pai, mãe, avó, avô, tio, tia e demais parentes), em processo de tecer o que mais é significativo na formação da criança. A participação dos protagonistas na pesquisa "requer a organização de condições de autoformação e de emancipação para os sujeitos da ação (pesquisadores e comunidade ribeirinha), a criação de compromissos com a formação e desenvolvimento de procedimentos crítico-reflexivos sobre a realidade" (Brito, 2015, p. 95), o que se configurou como cenário rico de infâncias, pois cada comunidade tem formas diferenciadas de conceber sua formação. Ademais, essa conjuntura foi importante na recolha dos dados, que significou momentos de grande aprendizado em partilhas de experiências e compreensão dos desafios – mais do que uma simples coleta de informações para a pesquisa.

Para sustentar a abordagem qualitativa da investigação, fez-se uso da etnografia na coleta

das narrações em rodas de conversas, propondo a discussão do tema e, ao mesmo tempo, aprendendo como a infância se tece nas comunidades em concepções de cuidado, do tempo de criança e sua formação. Dessa forma, buscou-se um trabalho em desenvolvimento de oficinas, que possibilitaram a construção de materialidade das narrativas em forma de desenhos, símbolos e escritas para a recolha de dados. Ressalta-se que, de forma alguma, a recolha dos dados se configurou como um interrogatório, mas, sim, como ações e partilhas com as comunidades, para cartografar os saberes sobre os cuidados na primeira infância e os desafios que enfrentam para esse cuidado.

É notório citar que a pesquisa qualitativa com foco na participação das pessoas se constitui como uma ação colaborativa entre a comunidade e os pesquisadores, o que possibilita mudança no contexto de melhor qualidade, que, nesse caso imediato, configura-se na partilha e em experiências entre os envolvidos, e no longo prazo, em subsídios para que se possa provocar o poder público à implementação de políticas para a infância ribeirinha. Segundo Denzin (1997) e Denzin e Lincoln (1998), essa metodologia oferece um conjunto de procedimentos que buscam explicar e investigar a realidade social e estudá-la, compreendendo seus fenômenos. Assim, a pesquisa teve como foco o estudo do cuidado na primeira infância nas nossas comunidades das águas.

O período da investigação foi de dois anos (2021 e 2022), em que a pesquisa cartografou vinte e oito (28) comunidades, com várias equipes de pesquisadores. Porém, os resultados apresentados terão o recorte de seis (6) comunidades das águas (ver figura 1). Os dados tratados são de 2 famílias por comunidade, dispondo-se de um total de 12 famílias.

Figura 1 – Comunidades das águas

Fonte: arquivo dos pesquisadores (2021-2022).

sob o número 4.855.816.

A pesquisa usou os aspectos qualitativos para a interpretação dos dados, partindo das rodas de conversas com a comunidade, pois, segundo Flick (2009), eles são os caminhos para compreender a essência da pesquisa. Utilizou-se a análise de conteúdo de Bardin (2016), na busca por compreender os detalhes dos dados e na seleção das categorias interpretativas analisadas.

Dessa forma, as rodas de conversas tiveram significado para compreender como as comunidades cuidam da primeira infância, pois buscou-se uma "técnica de investigação que, através de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto nas comunicações, tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações" (Bardin, 2016, p. 42).

A investigação considerou os aspectos éticos, pois envolveu os seres humanos. Os colaboradores aceitaram participar da pesquisa e assinaram o termo de consentimento esclarecido que descreve a pesquisa, a metodologia e os objetivos, bem como os seus riscos (Resolução 510/2016).

A investigação está registrada no Comitê de Ética da Universidade do Estado do Amapá (UEAP),

Primeira infância e o conhecimento pela oralidade na Amazônia

A transmissão de conhecimento nas comunidades amazônicas tem como base o processo da oralidade, que transcende o simples ato de comunicar ou falar. A oralidade entre os membros da comunidade é sustentáculo de preservação de sua cultura, visto que os saberes são transmitidos de geração a geração por meio da oralidade, e ficam vivos na memória das pessoas; assim, no decorrer do tempo, agregam-se a outros saberes no processo dinâmico de construção do conhecimento. Segundo Cristo (2012, p. 43), o

Brasil é um país que nasce a partir de um contexto oralizado, pelas inúmeras populações indígenas que aqui habitavam e que construíram seus próprios sistemas de comunicação linguística, mas também pelos escravos africanos trazidos para fazerem o trabalho pesado de construção e prosperidade da colônia, o que os excluía do acesso formal à cultura letrada que vinha da Europa e se ensinava nas universidades brasileiras, por exemplo. Cabe lembrar que mesmo entre os brancos europeus a escrita não era largamente difundida, pois, como se sabe, não foram só os nobres letrados e o clero que vieram povoar a colônia portuguesa.

Nessa constituição histórica é que nossa cultura no berço amazônico tem como fundamento a oralidade como fonte de conhecimento, presente na formação e no cuidado da primeira infância. A transmissão do conhecimento para as crianças, bem pequenas, perpassa a oralidade em diversas situações: ensinamentos na canção de ninar, contação de história com o foco moralista, ético e educativo, bem como os saberes que preservam e mantêm viva a cultura de um povo.

Em pesquisas sobre a infância na Amazônia, destaca-se a importância do imaginário na formação das crianças. De acordo com Santos e Oliveira (2018), esse imaginário envolve a formação das crianças por meio das histórias, pois

[...] o contar histórias configura-se em um aprendizado construído por meio do imaginário infantil, envolvendo tanto o contexto escolar como a vivência na comunidade ribeirinha. Desta forma, encontra-se no estudo das narrativas orais uma forma de educar, uma vez que narrar é tecer um fio que desencadeia acontecimentos, envolvendo personagens em um lugar e em um tempo determinado. (Santos & Oliveira, 2018, p. 10)

Portanto, o imaginário por meio das narrativas da comunidade tem o objetivo mais denso e profundo de educar as crianças, por meio de exemplificações de fatos que partem do imaginário de um povo, transmitidos pela oralidade em diversas ocasiões no cotidiano da comunidade; e as crianças, em suas rodas de conversas, também os transmitem entre si, pois "as narrativas das crianças revelam a proporção da presença da cultura amazônica no imaginário infantil" (Santos & Oliveira, 2018, p. 10). Corroborando, Fonseca e Nakayama (2010, p. 43) afirmam que "as narrativas possibilitam a circulação de saberes e valores que precisam ser compreendidos de forma a contribuir para repensar o papel da educação nos dias atuais" e, portanto, envolvem a formação das crianças, que, na comunidade amazônica, é totalmente mediada pela oralidade.

Por conseguinte, entende-se que a constituição de conhecimento na primeira infância está envolvida nas narrativas dos mais velhos na comunidade, por meio dos adultos ou pelas crianças da segunda infância e os jovens, no

sentido de acesso ao conhecimento pela transmissão oral, a fim de apreender e conhecer o mundo, pois estão se inserindo nas relações sociais. O cuidado com o lugar, na territorialidade amazônica, envolve a criança pela cultura que recebe por meio da oralidade e transmite, pois faz parte desse universo de construção lúdica, que definimos como cultura infantil, que se tece no processo de convivência com a comunidade. Segundo Souza (2016), os saberes culturais das crianças estão refletidos em suas vivências e nas relações nos contextos culturais em que elas se encontram, portanto, revelam características típicas do local, das pessoas e dos artefatos culturais. Corroborando, Barra e Sarmiento (2002, p. 3) afirmam que

O mundo da criança é muito heterogêneo, ela está em contacto com várias realidades diferentes, das quais vai apreendendo valores e estratégias que contribuem para a formação da sua identidade pessoal e social. Para isso contribuem a sua família, as relações escolares, as relações de pares, as relações comunitárias e o trabalho que desempenha.

Assim, a criança se constitui na territorialidade que permeia a aquisição do conhecimento por meio das relações vivenciadas, pois, para Brito e Marques (2021), os saberes culturais das crianças da Amazônia são tecidos nas teias das relações sociais, nas partilhas e vivências de sua comunidade. Reis et al. (2012, p. 12) corroboram afirmando que "é no convívio e no confronto das diferenças que as crianças aprendem, desde pequenininhas, a respeitar e a valorizar a diversidade sociocultural, tão importante na cultura plural na qual vivemos". E nesse processo encontramos as formas de cuidado para as crianças que são preservadas por meio da oralidade de um povo na coletividade das comunidades.

Ações de cuidados na primeira infância junto à família e à comunidade: valores envolvidos pela oralidade

A etnografia dos cuidados na primeira infância cartografa o ambiente familiar e as comunidades. Além da vivência, os dados oriundos das rodas de conversas auxiliaram na compreensão de

como acontecem os cuidados com as crianças. Tais rodas envolveram dois aspectos importantes nesse processo: as ações e os saberes que são preservados nessa relação familiar. A tabela 1

registra a identificação, por meios dos diálogos, de algumas ações que os familiares julgam elementares no cuidado com as crianças.

TABELA 1 - AÇÕES DE CUIDADO COM AS CRIANÇAS NO TERRITÓRIO DA EFAC

| Núcleo | Ações de cuidados na primeira infância junto a família e comunidade (valores envolvidos) |
|--------------------------------------|---|
| 1 – CARVÃO | Ensinar os afazeres de casa, não mexer e respeitar os mais velhos, aprender a tirar açaí e pilotar a rabeta. |
| 2 – RIO PRETO | Ensinar os afazeres de casa, cuidado com o rio, respeitar aos mais velhos. Fazer nossos banhos e banha para fomentar a criança. |
| 3 – MARACÁ | Educar as crianças, estudo, respeito, cuidado com o rio. Cuidar com os nossos matos e banha. |
| 4 – CAJARI (RESEX) | Cuidar bem, fazer o chá de hortelã, nada de vento. Unguento. Ensinar a respeitar os mais velhos e os de casa. Gasolina e óleo diesel e sal para fomentar a criança e tirar a doença, gergelim, aguardente, arruda. Ensinar a fazer a tarefa em casa, incentivar o estudo, humildade, respeito, empatia, ter o carinho, valor da sua cultura e significado de ser quilombola. |
| 5 – FURO SECO (ILHAS DO PARÀ) | Ensinar os valores, cuidado com o rio, ensinar a trabalhar. Cuidar com banho de folhas (mangueira e outros matos). Chá de verônica e sena para dor na barriga. |
| 6 – ILHA DAS CINZAS | Amamentação, o máximo possível (1 ano e 7 meses a 2 e 3 anos). Olhar a criança para não cair no rio. Cuidar com chá e banho. |

Fonte: arquivo dos pesquisadores (2022).

É importante nessa análise compreender a forma coletiva de vida em que as pessoas convivem em regiões que habitam em comunidades, como a da Amazônia. Primeiramente, a estrutura é diferente da área urbana; Santos (2022), em suas pesquisas em comunidades, à beira do Amazonas, descreve a exuberante paisagem das comunidades entre pontes e tablados, haja vista que não há ruas, avenidas nem muros, mas encontra-se a natureza entre as casas, passarelas de madeiras e famílias que vivem juntas em processo coletivo.

Nesse sentido, Loureiro (2001) analisa que o povo ribeirinho amazônico que vive fora das grandes cidades também não está integrado à moderna sociedade, o que consiste em uma realidade diferenciada, na qual podemos citar o uso dos recursos naturais, tanto para a subsistência quanto para o cuidado com a saúde e o

bem-estar das crianças.

Nessa perspectiva, as preocupações com o cuidado da criança na primeira infância são outras bem diferentes das crianças urbanas das grandes cidades. A tabela 1 sintetiza alguns cuidados fundamentais com as crianças, os quais estão nas dimensões da saúde, educação, alimentação, acidentes e valores repassados. Nas rodas de conversas, notou-se que uma das situações está relacionada aos acidentes domésticos, principalmente ao afogamento, em função das águas que rodeiam as moradias, pois as casas fazem parte da paisagem do rio, como visto na figura 1. Registraram-se os relatos da comunidade do Rio Preto em relação à preocupação com as crianças nessa situação, como segue:

O grande risco aqui é a água, é muito grande e a criança cai, perdemos por esses tempos uma criança com 1 e 7 meses, foi muito rápido. (Comunidade do Rio Preto, 2022)

O rio é o grande obstáculo para superar quando se tem criança em casa que ainda não consegue nadar. (Comunidade do Rio Preto, 2022)

Aqui também se aprende a nadar muito rápido. (Comunidade do Rio Preto, 2022)

A minha filha aprendeu a nadar com 2 anos. (Comunidade do Rio Preto, 2022)

Eles são perigosos, são levados mesmo, tem que ficar de olho. (Comunidade do Rio Preto, 2022)

Analisa-se que o risco de afogamento possibilita ensinamentos necessários para as crianças, pois, como mostram os relatos, "aprender a nadar" é um aprendizado emergencial para todos, bem como aprender algumas atividades domésticas de subsistência: retirar o açaí, pescar, pegar camarão. Os relatos mostram que a relação de cuidado está estreitamente associada ao ensinar a fazer, como segue:

Eu observo que as crianças têm uma capacidade de aprender muito rápido e elas aprendem, se envolvem com o dia a dia da gente. (Comunidade do Rio Preto, 2022)

Ontem, os meninos (10 anos) estavam tirando açaí perto de casa, encontrei com eles, me falaram assim: "deixamos os cachos paralisados e tiramos os pretos, ou seja, têm o conhecimento, e estavam só eles". Mas não sabem ler e me deram uma aula sobre o conhecimento. Essa pandemia atrasou, estão no 4º ano e não sabem ler, mas me deram aula sobre o açaí. (Comunidade do Rio Preto, 2022)

Eu tenho uma menina que gosta de fachear com o pai. (Comunidade do Rio Preto, 2022)

As crianças começam a comer sozinha muito cedo, com menos de 2 anos já sabem catar o peixe. (Comunidade do Ilha das Cinzas, 2022)

Com 1 a 2 anos já estão comendo sozinhos. (Comunidade do Ilha das Cinzas, 2022)

Aqui as crianças querem tirar açaí cedo com o pai. (Comunidade do Furo Seco, 2022)

Aqui, professora, a gente incentiva estudar mesmo, aprender, mas aprende a fazer as coisas, mas junto, bem junto da gente. (Comunidade do Maraca, 2022)

Aprendi a pilotar rabeta, eu tinha 7 anos e sei fachear, aprendi com meu pai. (Comunidade do carvão, 2022)

Observou-se explicitamente que, ao mesmo tempo que as crianças estão no cotidiano com os pais, tios e avós, no auxílio das tarefas na comunidade, também estão em constante aprendizado, pois o conhecimento para as crianças é repas-

sado pela oralidade, seja com explicações, seja com histórias do imaginário. Segundo Loureiro (2001, p. 77), o ensinamento do povo ribeirinho da Amazônia é transmitido pela oralidade de sua cultura, que é "fonte inesgotável de inspiração, de símbolos, de experiências, de trabalho acumulado, de beleza, de utopias e preservação de memória coletiva por um grupo".

Nesse processo, observou-se nas comunidades que não existe uma faixa etária para as realizações de aprendizado dos saberes; por exemplo, no núcleo Rio Preto, houve relatos de que as crianças tiram o açaí com 4 anos, e entre 6 e 7 anos pilotam a rabeta. Entretanto, no núcleo Maracá, com mais idade, aos 7 anos, podem tirar o açaí monitoradas por um adulto e pilotar a rabeta com 9 ou 10 anos. Analisa-se que o aprender e o cuidar estão em processo de territorialidade nas comunidades; segundo Lima e Costa (2012, p. 83),

[...] não possui uma delimitação fixa ou física, pois as restrições no deslocamento desses jovens pelo território variam conforme os sistemas de relações sociais existente entre o indivíduo e a comunidade, que pode, didaticamente, ser explicada pelas concessões negociadas ou impostas pelas diferentes esferas de domínio familiar, religioso, associativo e comunitário.

Assim, entende-se que essa configuração depende das relações de cada comunidade, no entanto analisa-se o quanto as crianças estão próximas das tarefas cotidianas, aprendendo um saber pelo fazer que vem das experiências, distante de um aprendizado formal sistemático nas instituições escolares; muitas vezes, ainda há um abismo entre os dois processos.

Diante desse cenário, identificaram-se os elementos referentes à medicina da floresta no uso do cuidado com as crianças: folha de mangueira, verônica, sena, pariri, gergelim, arruda. Observa-se que a utilização da medicina popular envolve o cuidado de uma localidade imersa nos saberes da natureza, típico da cultura amazônica; Teixeira (2017, p. 66), em suas pesquisas, descreve que "os saberes do cuidar, advindos do mato, utilizados na composição dos remédios caseiros, vêm sendo transmitido oralmente na região e têm origem nas práticas dos indígenas e sua relação com

a natureza local", o que acontece no Amapá e nas ilhas do Pará que fazem parte do território amazônico. Assim, entende-se que "o cuidar cotidiano se estende do cuidar de si ao cuidar do outro, família, casa e lugar, e estabelece, para tal, relações cognitivas (aprendentes), conectivas (ecossistêmicas) e interativas (dialógicas)" (Teixeira, 2017, p. 69), registrado nas ricas rodas de conversas etnográficas.

O cuidado com as crianças também está na relação dos valores que envolvem os pais, parentes e a comunidade; os relatos deixam explícita a importância desse conjunto na formação humana da criança. Em seguida, alguns trechos das famílias.

Aqui no nosso rio, ainda existe o respeito, e todos aqui na nossa comunidade exigem o respeito dos mais velhos e tomam bênção, aqui é a nossa diferença, mesmo que não seja parente eles respeitam e tomam bênção. (Núcleo Rio Preto, 2022)

Aqui no Rio Preto é só parentada, a gente se ajuda muito aqui. Aqui a gente ajuda, quando tem que ir para Mazagão, a gente fica com as crianças até chegar. (Comunidade do Rio Preto, 2022)

Não tem idade para cuidar de filhos, pois responsabilidade de todos. (Comunidade da Ilha das Cinzas)

Passo tudo que aprendi com meus pais, aprendi desde 12 anos a ficar com meus irmãos, minha mãe saía para roça e a gente ficava para fazer tudo e isso eu passei para meus filhos. (Comunidade a Resex-Cajari)

Ensinar desde criança a ter empatia, se colocar no lugar no outro. (Comunidade da Resex-Cajari)

Eu sou igual Mucura, para onde eu vou levo meus filhos. (Comunidade do Furo seco, 2022)

Não mexer nas coisas dos outros, pedir e respeitar, isso aprender é o maior valor que pode ensinar. (Comunidade do Carvão, 2022)

Aqui damos muito valor ao respeito, cuidado com o outro e o estudo, sem estudo as crianças não serão nada. (Comunidade do Maraca, 2022)

Ensina que deve aprender, respeitar e aprender a cuidar, principalmente da nossa natureza. (Comunidade do Maraca, 2022)

Observa-se que em todas as famílias existe uma preocupação muito grande em cuidar das crianças e ensinar os valores; o respeito é o mais relatado nas rodas de conversas, mas também outros: responsabilidade, aprender a falar a ver-

dade, cuidar das crianças menores, empatia, cooperação, cuidado com a natureza e as pessoas. Analisa-se que entre os adultos é motivo de orgulho poder criar os filhos com os valores para crescerem com dignidade. Essa relação, como as demais, é apreendida no aprender-fazer cotidiano. Segundo Lima e Andrade (2010), "[...] o ribeirinho é um ser em aprendizagem. Um povo que aprende a fazer, fazendo. Não há um aprofundamento sistemático específico para o fazer na floresta. Ele age pela intuição, guiado pela sabedoria construída ali mesmo na prática". É nesse sentido que ensinam as crianças, pois ensinam responsabilidade quando atribuem tarefas às crianças maiores.

O exemplo é o condutor de ensinamento nas comunidades, em relato registrou-se: "Nessa idade que tenho, até hoje tomo a bênção dos mais velhos e eles todos estão vendo" (Comunidade do Maraca, 2022). Esse relato mostra, entre tantos outros na roda de conversa, uma relação que nos remete à ação de reflexão quando buscam ensinar as crianças.

Outro valor explícito em relação ao ensinamento das crianças está em como a comunidade cuida-se mutuamente, uns dos outros, mostrando a forma cooperativa de conviver. Dessa forma, observou-se que as crianças estão juntas e auxiliam umas às outras. Na esteira de Freire (2005), entende-se que essa relação encontrada, especificamente, nas comunidades ribeirinhas nos permite analisar como eles são humanizados pela sua cultura, pois usam o diálogo para reconhecer-se na conscientização, que é o reencontro de si mesmo, coexistindo em liberdade, visto que essa relação não é vazia de prática, pois é permeada pelo exemplo dos ribeirinhos.

Considerações finais

As reflexões apresentadas neste artigo convidam o leitor a mergulhar na complexa rede de cooperação vivida nas comunidades ribeirinhas, tendo como premissa os procedimentos de cuidados na primeira infância. Essas organizações locais formadas por seringueiros(as), castanheiros(as), pescadores(as), artesãos(ãs), agriculto-

res(as) e companheiros(as) têm construído seus saberes na relação direta com a floresta, o rio, as entidades e os seus ancestrais.

Nas nossas análises etnográficas, fica evidente que todos os moradores da comunidade pertencem à contextura humana que se compromete com o "olhar a criança na beira do rio", alicerçada no respeito às tradições ancestrais.

Os fazeres denominados por fachear, tirar açaí, pescar, pilotar rabeta etc. apontam a necessidade de conhecer bem o território, as formas e as linguagens em que os saberes tradicionais são forjados e partilhados.

O rio que conecta as famílias e as comunidades tem um papel fundamental na alimentação, pois o peixe é uma das fontes de nutrição das comunidades. Entretanto, precisamos tomar cuidado com esse rio, pois ele segue o seu rumo, velozmente; precisamos aprender a conviver com ele.

O cuidado com a criança não é centrado no ventre, mas nas relações construídas com toda a comunidade. Observa-se o ventre materno como um prisma que, ao receber a luz, se fragmenta em diversas cores, que representam as ações necessárias para que aquela criança cresça comunitariamente e rapidamente sintam-se inserida na realidade local.

Com a análise cartográfica apresentada neste artigo, podemos criar propostas de investigações mais específicas, contribuindo concretamente com as demandas locais. Um aspecto observado são as políticas públicas criadas nos últimos anos, as quais acabam sendo traçadas para os grandes centros urbanos, desconsiderando as particularidades locais. O presente retrato etnográfico aponta elementos cruciais para qualquer projeto ou ação que trabalhe diretamente com a primeira infância nas comunidades ribeirinhas do Pará e do Amapá.

Quanto ao âmbito educacional, entende-se que os saberes e fazeres relatados no texto não permeiam o currículo escolar da região; portanto, é necessária a construção de propostas dialógicas que considerem os saberes tradicionais. Assim, pode-se possibilitar que os conceitos curriculares ganhem vida e sentido na existência

dos povos ribeirinhos da Amazônia.

Referências

- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. 70.
- Barra, S. M., & Sarmento, M. J. (2002). *Os saberes das crianças e as interações na Rede*. Centro de Estudos da Criança (pp. 1-22). Universidade do Minho.
- Brito, A. C. U. (2015). Práticas de Mediação e o Brincar na Educação Infantil. Paco.
- Brito, A. C. U., & Marques, M. C. H. (2021). Culturas infantis na Amazônia Amapaense: O brincar das crianças e os saberes culturais. *Revista Humanidades e Inovação*, 8(68).
- Conselho Nacional de Saúde. (2016). *Resolução no 510, de 7 de abril de 2016*. Trata sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em ciências humanas e sociais. Ministério da Saúde, Brasil.
- Costa, P. J., & Locatelli, B. M. E. S. (2008). O processo de amamentação e suas implicações para a mãe e seu bebê. *Mental*, 1(10), 85-102.
- Cristo, E. F. M. D. (2012). *Oralidade em uma comunidade amazônica: comunicação, cultura e contemporaneidade* [Dissertação de Mestrado em Comunicação, Universidade Federal do Pará].
- Cunha, M. C. (2007). Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. *Revista USP*, (75), 76-84. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i75p76-84>
- Denzin, N. K. (1997). Triangulation in educational research. In J. P. Keeves (Ed.), *Educational research, methodology and measurement: an international handbook* (pp. 318-322). Pergamon.
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. (1998). Introduction: entering the field of qualitative research. In N. K. Denzin, & Y. Lincoln (Eds.), *The landscape of qualitative research: theories and issues*. Sage.
- Flick, U. (2009). *Introdução à Pesquisa Qualitativa* (3 ed.). Artmed.
- Fonseca, M. J. C. F., & Nakayama, L. (2010). Narrativas para ensinar-aprender a Amazônia: uma contribuição à educação ambiental em contextos educacionais diversos. *Revista de Estudos Universitários*, 36(3).
- Freire, P. (2005). *Pedagogia do oprimido*. Paz e Terra.
- Lima, M. A. R., & Andrade, E. R. G. (Maio/Agosto 2010). Os ribeirinhos e sua relação com os saberes. *Revista Educação em Questão*, 38(24), 58-87.
- Lima, M. V. C., & Costa, S. M. G. (Julho 2012). Cartografia social das crianças e adolescentes ribeirinhas/quilombolas da Amazônia. *Revista Geografares*, (12), 76-113.
- Loureiro, J. J. P. (2001). *Cultura amazônica: uma poética do imaginário*. Escrituras.

Pinto, M., & Sarmento, M. J. (Coords.). (1997). *As crianças: contextos e identidades*. Universidade do Minho.

Reis, D. C., Borges, J. A. R., Silva, S. S. C., Mendes, L. S. A., & Pontes, F. A. R. (2014). Um estudo descritivo das brincadeiras em uma comunidade ribeirinha amazônica. *Temas em Psicologia*, 22(4). http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2014000400006

Santos, A. F. N. (2022). [Entre rios e tabladros: o currículo multiculturalista nas práticas pedagógicas dos professores na comunidade ribeirinha de Ipixuna Miranda](#) [Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Federal do Amapá].

Santos, T. R. L., & Oliveira, I. A. (Janeiro/Abril 2018). Pesquisas com crianças em contextos da Amazônia: o locus e temáticas dos estudos. *Rev. Faeeba*, 27(51), 161-178.

Souza, R. G. (2016). *Protagonismo infantil e saberes culturais ribeirinhos no ensino de matemática na educação infantil* [Dissertação de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Exatas, Centro Universitário Univates].

Teixeira, E. (2017). Saberes do cuidar, hibridismo cultural no processo do viver humano. In I. A. Oliveira, & T. R. L. Santos. *Cartografias de Saberes: representações sobre a cultura amazônica em práticas de educação popular*. Eduepa.

Winnicott, D. W. (2000). *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Imago.

Woodward, L., Greiner, P. E., & Lawrence, R. A. (2005). *Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância*. Université de Montréal. <https://www.encyclopedia-crianca.com/aleitamento-materno/segundo-especialistas/o-aleitamento-materno-e-seu-impacto-sobre-o>

Angela do Céu Ubaiara Brito

Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), mestra em Direito Ambiental e Políticas Públicas pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Líder do Grupo de Pesquisa Ludicidade, Inclusão e Saúde (LIS). Membro do Grupo de Pesquisa Contextos Integrados de Educação Infantil, da Faculdade de Educação da USP (FEUSP). Membro da Rede Samaúma – Rede de Estudos e Pesquisas com e sobre Infâncias e Crianças da Amazônia. Coordenadora do curso de Especialização em Gestão Escolar e Educação do Campo da Universidade do Estado do Amapá. Professora do Programa de Mestrado em Educação da Universidade do Federal do Amapá (PPGED/UNIFAP). Professora da Universidade do Estado do Amapá, atua no Colegiado de Pedagogia (UEAP). Coordenadora da Brinquedoteca e do Laboratório Tenda Educativa de Jogos: Brincar e Aprender com a Luz da Universidade do Estado do Amapá.

Ramon de Oliveira Santana

Doutor em Educação em Ciências – PPGEduc (UnB). Mestrado no Programa de Pós-Graduação de Ensino de Ciências e Matemática – PPGECIMA/UFS. Graduação em Química pela Universidade Federal de Sergipe. Tem experiência na área de Educação em Ciências, com ênfase em Ensino de Química. Coordenador do Laboratório Pedagógico de Química-UEAP. Professor da Universidade do Estado do Amapá. Membro do Grupo de Pesquisa Educação, Saberes e Decolonialidades (GP-DES/UNB). Professor voluntário na Escola Família Agroextrativista do Carvão (EFAC).

Endereço para correspondência

Universidade do Estado do Amapá – UEAP
Avenida Presidente Vargas, 650, Centro
Macapá, Amapá, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.